

Estudo demográfico nas zonas de fronteira entre Portugal e Espanha revela que esta é a região mais envelhecida

Um quarto da população raiana do Alentejo tem mais de 65 anos

| 6/7

Semanário
Regionalista
Independente

Diário do Alentejo

Sexta-feira
15 JUNHO 2018
Diretor: Paulo Barriga
Ano LXXXVII, N.º 1886 (II Série)
Preço: € 0,90



Fátima Duarte
Cebal continua
sem instalações
próprias ao fim
de 10 anos | 16/17

Câmara
de Castro Verde
reduz apoios
às associações
e às freguesias | 9

Aeroporto
e Alqueva
na agenda
de Jerónimo
de Sousa | 10

Festa de apoio
à luta contra
o cancro
até domingo
em Beja | 8

Feira do Campo
Alentejano
este fim de
semana
em Aljustrel | 28



Foi o que dois operadores
turísticos começaram a fazer
a partir de Beja | 4/5

voar

DISCIPULUS PACENSIS,
DP PARA OS AMIGOS by PES B



IPBEJA
O TEU SONHO,
O TEU FUTURO!

OFERTA FORMATIVA 2018/2019
17 CTESP
15 LICENCIATURAS
14 MESTRADOS
IPBEJA.PT

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA
ESCOLA SUPERIOR DE
Tecnologia e Gestão

LICENCIATURAS:
• ENGENHARIA INFORMÁTICA
• GESTÃO DE EMPRESAS
• SOLICITADORIA
• TURISMO

ENTREVISTA

São já mais de quatro dezenas, os investigadores que têm projetos em curso no Centro de Biotecnologia Agrícola e Agroalimentar do Alentejo. Um centro de investigação que está instalado em Beja há 10 anos e que continua a ocupar os antigos “barracões” de madeira da escola Superior Agrária. Fátima Duarte, diretora executiva do Cebal, revela nesta entrevista ao “Diário do Alentejo” e à Rádio Voz da Planície que a questão das instalações é prioritária para uma instituição que acaba de dar à ciência a primeira sequência do genoma do sobreiro, que investiga soluções com vantagens económicas e ambientais para o bagaço da azeitona, que pretende incrementar o cultivo de cardo e que transfere soluções tecnológicas, ao nível da engenharia de processos, para os resíduos produzidos pelas agroindústrias dos azeites, dos vinhos e dos queijos.

O sobreiro é a primeira árvore sequenciada em Portugal e Beja o quartel-general desta investigação genética

genoma

TEXTO PAULO BARRIGA “DIÁRIO DO ALENTEJO” E ANA DE FREITAS RÁDIO VOZ DA PLANÍCIE FOTO JOSÉ SERRANO

O Cebal está a celebrar 10 anos de existência. Há razões para festejar ou nem por isso?

Acho que qualquer centro de investigação tem sempre razões para festejar. O dia de um cientista, de um investigador, é feito de pequenos festejos e de muitas derrotas... Mas os 10 anos do Cebal têm muitos motivos para festejar. 2018 é um ano especial, na medida em que estamos a continuar o nosso trabalho e, em retrospectiva, percebemos que alcançámos muitos

dos objetivos que foram lançados de início.

Mas tem mesmo de ser assim? A ciência em Portugal tem de ser um pequeno avanço depois de muitos recuos?

Não é em Portugal, é em todo o mundo. A ciência é assim. A ciência é feita de avanços que às vezes são maiores, às vezes são menores, mas há muitos recuos pelo meio, só que quando avançamos ficamos todos muito felizes. E, por

isso, em geral, falamos com mais facilidade dos avanços do que dos recuos.

Para além dos circuitos académicos, mais fechados, é dada a devida relevância à investigação científica, nomeadamente aqui na nossa região?

É uma resposta difícil. Acho que já foi pior. Temos feito o nosso percurso. O Alentejo, e o Baixo Alentejo de um modo especial, tem sabido acolher um centro de

investigação. Mas sim, no início foi algo que percebemos que não era assim tão habitual falarmos...

A região é inóspita para estas coisas da ciência?

Não é inóspita, mas a região, e a cidade de Beja em especial, não estava muito habituada a ouvir falar de ciência. E falar de ciência para o público em geral também é preciso saber fazê-lo. Porque se quisermos assustar alguém, conseguimos. Mas o objetivo não é esse.





Naquilo que é a minha ótica, preocupa-me a monocultura e, de um modo especial, preocupa-me a monocultura do olival. As questões associadas à biodiversidade não têm merecido a devida atenção e isso são os nossos netos que vão pagar...”

Comunicar ciência é uma atividade com muito mérito e tem de ser trabalhada.

As empresas locais já olham para a ciência como um fator de produção, como algo que lhes pode melhorar o negócio?

Depende do que estamos a falar. Se for uma agroindústria de menor dimensão, até pode ter consciência, mas pode ter mais dificuldade em investir em ciência ou, pelo menos, na promoção de investigação à medida das suas necessidades. Agora [nas] empresas de maior dimensão, que podem ter aqui a sua operação ou a sua produção primária e a transformação noutra local [essa] é a regra geral.

Ainda há algumas semanas atrás o comissário Carlos Moedas falava em Beja sobre a importância da inovação para a criação de emprego. O Cebal tem tido bom acolhimento por parte da indústria existente, nomeadamente dos setores do azeite e do vinho?

Sim, no setor do azeite temos

uma história que consideramos ser feliz e que merece ser continuada. Não é necessariamente no produto final, no azeite, mas nos subprodutos associados à produção primária do azeite, nomeadamente o bagaço de azeitona que, na nossa perspetiva é uma matéria-prima que necessita de ser valorizada e que tem um valor enorme. Por que não é aproveitado e não está a ser explorado? Isso tem tudo a ver com as questões do balanço comercial no final. Grande parte do bagaço de azeitona, hoje em dia, é utilizado para a extração do óleo, que tem valor comercial, enquanto os subprodutos associados à extração ou à valorização do bagaço de azeitona ainda não estão nessa maturidade técnico-científica.

O Cebal está a trabalhar nisso?

Temos estado a trabalhar na questão da utilização destes subprodutos para extração de [fatores] de elevado valor acrescentado, nomeadamente para a indústria alimentar e para a indústria farmacêutica.

Como cientista e como cidadã, como olha para o atual panorama agrícola na região do Alqueva? Daquilo que lhe é dado observar, estamos no caminho certo em termos de boas práticas agrícolas?

Acho que essa é uma resposta para um milhão de euros. O Alentejo viveu uma dinâmica muito interessante com a chegada do Alqueva. A possibilidade de regar é sem dúvida uma mais-valia agrícola. [No entanto], tenho muito receio das monoculturas. Naquilo que é a minha ótica, preocupa-me a monocultura e, de um modo especial, preocupa-me a monocultura do olival. As questões associadas à biodiversidade não têm merecido a devida atenção e isso são os nossos netos que vão pagar...

Está a falar enquanto cientista ou enquanto cidadã?

É mais ou menos a mesma coisa neste aspeto, não é?

O que a assusta em concreto?

Assustam-me as monoculturas, nomeadamente o facto de, se houver uma praga, correremos o risco de toda aquela cultura poder ser alvo [dessa praga] e podemos não ter as ferramentas imediatas para cobrir essa necessidade. Atenção, sei que hoje em dia há muitas soluções, mas a monocultura tem esse problema e não sou eu que o estou a dizer, isso está descrito. A biodiversidade [também] me preocupa porque acho que não temos prestado a devida atenção a isso.

DESVENDAR OS SEGREDOS DO CARDO

Fátima Duarte é natural do Porto, cidade onde se licenciou em bioquímica. É doutorada em ciências da saúde pelo Maine Medical Center Research Institute, Estados Unidos, em conjunto com a Universidade do Minho, onde também fez pós-doutoramento. Juntou-se à equipa do Centro de Biotecnologia Agrícola e Agroalimentar do Alentejo logo em 2008, como investigadora principal, coordenando desde então o grupo de investigação em compostos bioativos, onde se destaca o projeto ValBioTecCynara, no qual participam sete instituições científicas a nível nacional. Um consórcio de investigação que visa a valorização do cardo numa perspetiva genética, molecular, morfológica e bioquímica, por forma a desenvolver estratégias que potenciem economicamente este recurso natural. É diretora executiva do Cebal desde 2014.

A questão das instalações continua a ser uma preocupação para o Cebal?

Claro que sim. Neste momento, nas instalações que temos cedidas pelo Instituto Politécnico de Beja, não estamos a trabalhar juntos. O Cebal tem duas zonas de trabalho o que, para um grupo relativamente pequeno, faz diferença. Em termos de equipamentos, em termos da infraestrutura normal de base, temos de ter as coisas divididas. Por outro lado, as instalações atuais, numa das zonas dos barracões de madeira, não [propiciam] efetivamente as condições que necessitamos não só para a atividade presente mas para o crescimento [do Cebal].

Está na altura das instituições locais olharem com outros olhos para o Cebal?

Eu acredito muito na cooperação.

Mas ela tem existido?

Acho que ela existe. Nem sempre é muito visível, nem sempre dá sinais dessa visibilidade... Este ano, com a comemoração dos 10 anos do Cebal, conseguimos ter mais impacto e estamos a sentir sinais dessa cooperação que pretende arranjar uma solução para as instalações do Cebal.

Quem é que está em falta nesta matéria?

É muito difícil responder a essa pergunta. Se calhar há uma questão financeira de base, porque se houvesse fundos e se houvesse verbas próprias, não estaríamos a

ter esta discussão e o Cebal estaria em instalações próprias.

É correto afirmar que o IPBeja olha com alguma desconfiança para o Cebal? Ou até com alguma pontinha de inveja?

Não acredito. Acho que as instituições têm de estar juntas, têm de trabalhar em conjunto.

E estas duas estão juntas?

O Cebal tem muitos bons exemplos de cooperação com o [Instituto] Politécnico, temos vários projetos em conjunto.

São mais os bons exemplos ou mais os maus exemplos?

Gosto de me focar nos bons exemplos.

Foi recentemente revelada a primeira sequência do genoma do sobreiro. O que representa isto, de facto?

Este é um motivo de muito orgulho para todos os alentejanos e, de um modo especial, para o Baixo Alentejo. [O sobreiro] foi a primeira árvore sequenciada em Portugal e nós, o consórcio que tem desenvolvido este projeto, liderado pelo Cebal, ter conseguido atraí-lo para aqui, foi marcante e há de ser sempre marcante nesta história. (...) A revelação do primeiro *draft* começa a dar uma grande visão do que é que é a complexidade do genoma desta árvore. Vejo este projeto como um “chapéu de chuva”, grande o suficiente para conseguir ter debaixo dele vários outros projetos. Neste momento estamos a dar prioridade às preocupações da indústria, nomeadamente à qualidade da cortiça e, em particular, à [sua] porosidade. Estamos muito atentos à questão de regar ou não regar os sobreiros. (...) A base genética que agora conhecemos ajuda-nos a perspetivar e a iniciar o trabalho futuro e isto era algo que não sabíamos quando iniciámos este projeto. Neste ponto, obviamente, demos um enorme passo à frente. Há muitas dúvidas, há muitas questões, mas a nossa perspetiva é agora começar a tentar resolver as questões [relacionadas com] o declínio do montado, associado às doenças, associado às pragas, associado à seca... [Vamos] começar agora a responder individualmente a estas perguntas e isso vai ter um impacto económico para o território.

Neste momento o Cebal tem mais de 40 investigadores, quase todos jovens... A cidade de Beja é atrativa para estes investigadores? Ou eles estão cá apenas de passagem?

Neste momento temos 55 pessoas

a trabalhar no Cebal, incluindo estagiários e alguns alunos de Erasmus. E há dois cenários diferentes. Há o cenário do estagiário que está cá por curta duração, três meses no máximo, e esses sim, são “voláteis”. E, depois, temos os residentes que são os tais 40 que estão associados a um projeto, com um mínimo de permanência de um ano, mas que podem ficar por muito mais tempo e até fazer o seu doutoramento. Temos casos de colegas que estão no Cebal desde 2009, que vieram com uma bolsa de investigação, fizeram o seu doutoramento. Constituíram a sua família e ficaram por cá.

Mas para quem vem de fora a cidade de Beja é atrativa?

Beja, e este território, tem a atratividade que hoje se fala tanto [a propósito] do turismo [que é a] beleza natural. É um fator de atratividade que aprecio muito. Gosto muito de saber que as minhas filhas podem crescer neste cenário e a ter acesso a esta beleza natural. Preocupa-me o outro lado, as questões da saúde, dos transportes...

Que grandes novidades em termos científicos podemos esperar do Cebal nos próximos tempos?

O projeto da sequenciação do sobreiro vai continuar e vai em breve dar novas indicações acerca da porosidade da cortiça. Espero que aí tenhamos excelentes notícias para podermos passar à comunidade, muito particularmente à comunidade industrial, porque será ela [o principal utilizador] deste conhecimento. No projeto [de valorização] do cardo, estamos muito perto de ter a perspetiva económica desta produção. Para mim, uma vez que sou investigadora e estou associada diretamente a este projeto, tem um sentido muito especial mas também há de ter, com certeza, para este território porque, de algum modo, o cardo parece ter uma predominância particular e uma capacidade produtiva diferenciadora na região do Baixo Alentejo. Estamos numa fase de viragem em que se começa a olhar para esta planta com a possibilidade de vir a ser uma cultura a introduzir neste território. Na área da transferência de tecnologia também espero que consigamos afirmar-nos mais. Temos um projeto de tecnologia de separação por membranas diretamente associado a três setores industriais: queijarias, vinho e produção de azeite. Esperemos que haja resultados reais desta intervenção e que haja também outros projetos que possam passar para a fase de transferência de tecnologia. Isto é sempre um desafio, não é?